

# DESLOCAMENTOS NA ATUAÇÃO DO PROFESSOR FRENTE ÀS NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO-NTIC'S

**Margarida Xisto da Silva Soares**  
margaridaxisto30@yahoo.com.br

Mestranda em Letras: Concentração em Estudos Linguísticos. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

**Resumo:** Partindo da perspectiva da linguística aplicada, o objetivo deste artigo é abrir um espaço para observar como o professor de Língua Portuguesa se interpreta como sujeito no contexto em que é instado a entrar no jogo de verdade das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação- NTIC's. Para tanto, trabalha-se por meio de análises da "escrita de si". Balisando-se pelas teorias da Análise do Discurso temos como referencial teórico: Foucault (1996; 1979 [1999]); em Linguística Aplicada, Coracini (2003), Moita Lopes (2002), Mascia (2002), Eckert-Hoff (2008); e nos Estudos Culturais, Hall (2006), entre outros. É possível desconstruir, pelos deslizes do dizer, a concepção de identidade fixa, estável e fazer imergir em seu lugar uma identidade fragmentada, híbrida, de modo a questionar os regimes de verdade que perpassam a inserção dessa identidade na instituição (escola).

**Palavras-chave:** Linguística Aplicada. Identidade. Discurso pedagógico.

## DISPLACEMENTS IN THE ROLE OF TEACHERS FACING NEW INFORMATION AND COMMUNICATION TECHNOLOGIES-NICT'S

**Abstract:** Taking the perspective of Applied Linguistics into consideration, this article aims to shed some light on how Portuguese language teachers interpret themselves as subjects within the context in which they are asked to interact in the real game of New Information and Communication Technologies-NICT's. For this purpose, the research is carried out by the analysis of "writing the self". Taking perspectives from Discourse Analysis, our theoretical framework is the following: Foucault (1996, 1979 [1999]); in Applied Linguistics, Coracini (2003); Moita Lopes (2002); Mascia (2002); Eckert-Hoff (2008); in Cultural Studies, Hall (2006), amongst others. Through discursive slips, it is possible to deconstruct the conception of fixed and stable identity, and switch it to a fragmented and hybrid identity so as to questioning the regimes of truth that overarch this identity's insertion in the institution (school).

**Keywords:** Applied Linguistics. Identity. Pedagogical discourse.

### Introdução

Atualmente, uma série de estudos tem abordado o papel constitutivo do discurso na esfera da vida social, sobretudo, na maneira como vemos e somos vistos pelo outro, na maneira como aprendemos a ser quem somos em meio à multiplicidade de discursos que nos perpassam.

Nesse contexto, o trabalho elaborado sobre questões identitárias é um tema de interesse da Linguística Aplicada (doravante LA), que considera a linguagem em seu funcionamento em contextos específicos de uso. Assim, pondera-se a urdidura que a Análise do Discurso (AD), em especial os estudos foucaultianos e os Estudos Culturais

(EC) podem oferecer, uma vez que entendem a identidade como uma construção discursiva, situada em um dado momento histórico, e o sujeito como sendo “um ser do discurso”, constitutivamente disperso, fragmentado e múltiplo.

Em vista disso, o presente artigo tem por objetivo abrir um espaço para observar como o professor de Língua Portuguesa (LP) se interpreta como sujeito no contexto em que é instado a entrar no jogo de verdade das NTIC's<sup>1</sup> numa escola da rede pública do Estado de Mato Grosso do Sul em julho de 2007. Assim, procura-se encontrar os traços de identificação que deixam compreender como se constitui a identidade desse professor ao viver situações de antagonismo e de aliança, frente à inserção tecnológica no processo de ensino/aprendizagem de língua.

Vale destacar que o discurso que subjaz à inserção dos meios tecnológicos na vida social evidencia a chamada *globalização*. No Brasil, as principais condições da modernização tecnológica estão efetivamente presentes desde meados da década de cinquenta, (governo do presidente Juscelino Kubitschek). Essa modernização sustenta-se por políticas econômicas favoráveis ao processo de internacionalização da economia do país, devido à crescente instalação de empresas estrangeiras. Nesse contexto, a educação é tomada como meio para facilitar o processo, uma vez que a qualificação encontra limites estruturais no sistema educacional brasileiro - instância ideológica - em que as classes dominantes criam, organizam e difundem os padrões éticos, científicos, artísticos, entre outros, favorecendo basicamente seus interesses, reproduzindo a separação entre o saber e o fazer.

No transcorrer da história, enfatiza-se o momento em que os professores começam a ter os primeiros contatos com um laboratório de informática<sup>2</sup> com 20 computadores com internet e um data-show. Assim, vários programas e projetos passam a ser disponibilizados aos professores. Entre eles, encontra-se o Programa Nacional de Informática na Escola – PROINFO<sup>3</sup> que vem promover o uso pedagógico do computador nas redes públicas de educação básica.

---

<sup>1</sup> Aqui referimo-nos a computadores e suas ferramentas, pois há outras, como por exemplo: rádio, TV, DVD, etc., que já estão em uso.

<sup>2</sup> A implantação de laboratório de Informática nas escolas públicas faz parte da política do MEC (Ministério da Educação e Cultura), em cumprimento aos princípios mais gerais que orientam a reformulação curricular do Ensino Médio e que se expressam na Lei de Diretrizes e Bases da Educação- Lei nº 9.394/96- Resolução nº. 2.137 de 12 de setembro de 2007, sendo que só em 26 de junho de 2008, pela Resolução nº 2.180, a Secretaria de Educação oferece o recurso humano (professores e técnicos) para dar assistência às máquinas e aos professores na utilização da sala.

<sup>3</sup> O Proinfo é executado no âmbito do Ministério da Educação, consolidado em Decreto nº 6.300, de 12 de dezembro de 2007 tendo em vista o disposto na lei nº 10.172, de 9 de Janeiro de 2001, artigo 84.

## 1. Pressupostos teóricos

No fio do discurso, tanto a educação quanto a tecnologia compreendem processos culturais conectados ao processo produtivo e aos interesses políticos. No que se refere à educação, as instâncias formadoras são responsáveis por paradigmas impostos socialmente, uma vez que são vistas como transmissoras do saber. “[...]. são entendidas, historicamente como o “lugar do progresso”” (ECKERT-HOFF, 2008, p.24). No caso, a escola passa a ser um dos mecanismos de veiculação de ideário positivista e, como consequência, as reformas educacionais são entendidas como “mecanismos de renovação econômica, transformação social e solidariedade nacional” (MASCIA, 2002, p.53), as quais apagam as diferenças, em prol da unidade. (CORACINI, 2003).

Ademais, o professor de línguas enuncia a partir da posição que ocupa na instituição, uma vez que precisa estar dentro dessa *ordem do discurso* (FOUCAULT, 1996), jogar o seu jogo, obedecer às regras desse discurso. Assim, uma prática pedagógica com a utilização das NTIC’s consiste em práticas políticas que têm por função enquadrar e moldar os indivíduos segundo um ideário. Portanto, abordam-se as tecnologias como regimes de verdade, de controle que leva à subjetivação dos sujeitos, uma vez que há os que “[...] inventam, produzem, utilizam e interpretam de diferentes formas as técnicas” (LÉVY<sup>4</sup>, 1999, p.23).

Nesse sentido, ao estudar o processo identitário do professor de línguas, torna-se imprescindível entender a forma como as relações de poder/saber atravessam a linguagem, aqui concebida como espaço de inscrição subjetiva e social do sujeito. Logo, leva-nos a considerar nossa identidade “social” (MOITA LOPES, 2002), uma vez que tais identidades não são escolhidas, mas circunscritas em relações de poder, portanto, gera identidades de *resistência* (FOUCAULT, 1979[1999]), fazendo com que os sujeitos enunciem um contra discurso marcado pelas diferentes posições discursivas que ocupam.

Desse modo, a escrita de si permite ao professor “diversas maneiras de experimentar a identidade de professor, [...], em vista de um imaginário formado acerca do “ser professor”” (ECKERT-HOFF, 2008, p.77). Portanto, a organização de

---

<sup>4</sup> Opta-se por Lévy para falar de TIC’s por seus trabalhos contemplarem usos e práticas sociais das mesmas.

um discurso, outorgando um lugar para o sujeito-professor, institui-se na diferença com o outro, na perda e no ganho. Por esse motivo, a identidade é relacional, formada a partir do que “não se é”, numa ilusão de completude, “uma vez que [...] muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, [...]” (HALL, 2006, p. 21).

Parte-se do pressuposto de que o sujeito-professor, ao falar de si, traz em seu discurso, discursos outros e Outros. Isso conforma uma heterogeneidade constitutiva (AUTHIER-REVUZ, 1990) pela posição que ocupa e que constitui sua identidade, que é assim como o discurso, “híbrida”, camaleônica<sup>5</sup> fruto das relações sociais e culturais existentes na sociedade.

## 2. Metodologia

Partindo da perspectiva da linguística aplicada, trabalha-se por meio de análises da “escrita de si” de professores de Língua Portuguesa e Língua Inglesa atuando em escola pública. Tem-se como foco a prática do professor frente às NTIC’s no processo de ensino/aprendizagem de línguas. Os depoimentos que compõem o *corpus* fazem parte da pesquisa de graduação em Letras, realizado na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (SOARES<sup>6</sup>, 2007).

Os depoentes foram dois professores (S1 e S2) que ministram aulas de Língua Portuguesa e Língua Inglesa no Ensino Fundamental e Médio. Entretanto, focaliza-se nesta pesquisa a relação desses professores com o ensino de Língua Portuguesa. Com respectivamente 32 e 38 anos de idade, ambos os professores contavam com 12 anos de experiência em sala de aula e tinham cursado o nível superior de ensino (Curso de Letras, habilitação Português/Inglês-2000).

Contempla-se o método *arqueogenealógico* elaborado por Michel Foucault, em que o discurso é tomado como uma prática social, historicamente determinada, que constitui os sujeitos e os objetos. Balisando-se pelas teorias da Análise do Discurso temos como referencial teórico: Foucault (1996; 1979 [1999]); em Linguística

---

<sup>5</sup> Na visão de Eckert-Hoff (2008, p.40). “o sujeito pós-moderno é camaleônico e, como o camaleão, ele muda constantemente de forma e de cor. Nessa metamorfose, ele não deixa de ser um para ser o outro, pois um está imbricado no outro, é sempre o mesmo no diferente e o diferente no mesmo”.

<sup>6</sup> Pós-graduação em Letras-Estudos Linguísticos na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/CPTL-2013.

Aplicada, Coracini (2003), Moita Lopes (2002), Mascia (2002), Eckert-Hoff (2008) e nos Estudos Culturais, Hall (2006).

Algo semelhante é encontrado no trabalho de Foucault (1992), "O que é um autor?"<sup>7</sup>, em que, embora o foco recaia sobre a figura do autor, o historiador toma a escrita como a abertura de um espaço em que o sujeito escreve para aparecer, "falar de si". E em Eckert-Hoff (2008) "A escrita de si e identidade: o sujeito-professor em formação", em que a autora busca deslocar não só o imaginário acerca do professor, mas compreendê-lo enquanto sujeito, na sua complexidade e subjetividade a partir da escrita de si, de suas "confissões" como ousa chamar, e que fundamenta nosso trabalho.

Quanto aos impactos das transformações sociais num mundo globalizado, vários autores, entre eles, Hall (2006, 2005), Coracini (2003) e Moita Lopes (2002, 2006) têm discutido o cenário contemporâneo em que as posições de sujeito global não estão disponíveis para todos.

### 3. Identidades construídas na (e pela) escrita de si

Nessa direção, o esforço aqui empreendido é verificar qual é o lugar que ocupa o sujeito alvo da pesquisa numa modernidade fluida, em que valores tradicionais, estáveis e homogêneos, que constituem as subjetividades dos sujeitos, dão lugar às identificações passageiras e híbridas nos espaços institucionais e culturais em que são produzidas. Assim, o sujeito-professor posiciona-se discursivamente ao contar sua história. Fornece um autorretrato de si e do outro que o constitui nos contextos institucionais de onde fala. Entre as análises realizadas, apresentam-se neste artigo as referentes ao *Laboratório de Informática e a prática de sala de aula com as novas tecnologias*. Foram solicitadas aos professores considerações acerca do recurso utilizado. De S1, temos a seguinte confissão:

*Tecnologia é parte do processo de descoberta humana do seu ambiente natural ou social, e a arte de transformar o mundo natural numa realidade artificial.*

*O desenvolvimento de máquinas e equipamentos já não faz parte do futuro, se apresenta como uma necessidade contínua e atual que se acelera e se multiplica cada vez mais. É uma pena que o processo educativo não tenha conseguido acompanhar tanta evolução e é irônico afirmar que em pleno século XXI, ainda há educadores "analfabetos" em informática, não sabem sequer ligar um computador tornando-se*

---

<sup>7</sup> FOUCAULT, Michel. O que é um autor? Tradução de Antonio F. e Edimundo Cordeiro. Veja: Passagens, 1992.

*ultrapassado em relação a uma grande parte de seus alunos que por sua vez dominam a máquina e navegam no espaço natural com admirável eficiência. O professor precisa estar preparado para integrar a tecnologia à sua prática educativa. Partindo desse ponto de vista, espera-se realidades de cursos de capacitação para o professor para que possam fornecer mais oportunidades ao educando, já que é ele o responsável perante a sociedade pela educação do cidadão. (Ipsis litteris)*

Observa-se que S1 estabelece um discurso atravessado pela pós-modernidade, pelo progresso da ciência que busca a verdade absoluta - "descoberta humana", "ambiente natural ou social", "arte de transformar o mundo natural numa realidade artificial"-, uma vez que a elaboração de tal discurso leva S1 a ler, explicar, interpretar o que está para ele mal formulado, impalpável, mas desejável para o aqui e agora: "já não faz parte do futuro", "realidade contínua e atual". Segundo Lévy (1999, p. 25) a "sociedade encontra-se condicionada por suas técnicas" e impõe ao sujeito habituar-se às novas situações constantemente. Assim, S1 toma para si uma identidade que equivale à identidade nacional, "reforçadas pela resistência à globalização" (HALL, 2006, p.69). Fenômeno este que, por meio de medidas ideológicas e coercitivas, com o propósito de manter a paz social, produz no tempo e espaço em que se inserem as TIC's a tendência à fragmentação e a busca pelo diferente, que constitui os sujeitos divididos.

Ademais, o sujeito não está em condições de mudar, ou seja, não pode entrar na ordem desse discurso - "É uma pena que o processo educativo não tenha conseguido acompanhar tanta evolução" - pois lhe falta o meio, o dispositivo, "nenhum dos principais atores institucionais - Estado ou empresas - planejou deliberadamente, nenhum grande órgão de mídia previu, tampouco anunciou o desenvolvimento da informática pessoal, o das interfaces gráficas interativas para todos, [...]" (LÉVY, 1999, p. 26-27). Portanto, o processo de aquisição dos recursos, assim como sua história, se dá de maneira diversificada nos mais diversos lugares, pois as reformas e as leis nem sempre são criadas e cumpridas de maneira igualitária, fato aqui apresentado por S1.

Disso decorre que a utilização dos recursos também ocorre de modo diversificado. Amplia-se uma intensa alteração na relação com o saber, de modo que em S1 se instaura uma visão positivista das tecnologias - "É uma pena que o processo educativo, não tenha conseguido acompanhar tanta evolução. [...] ainda há educadores "analfabetos" em informática, não sabem sequer ligar um computador tornando-se ultrapassado em relação a uma grande parte de seus alunos [...]" - segundo a qual as TIC's funcionam como regime de verdades, capaz de excluir os

sujeitos dependendo de sua posição. S1 ressalta que não só os professores, mas “o processo educativo” é “ultrapassado”, antiquado não conseguiu entrar no jogo das NTIC’s e ocupar seu lugar no mesmo. Reforça, ainda, a afirmação com a expressão “tanta”, a qual provoca efeito de sentido de intensidade, de distanciamento da escola em relação às outras instâncias sociais, no que se refere à aquisição e uso do recurso. Esse fato, que realmente ganha veracidade no olhar que lançamos para a história de inserção das tecnologias na educação neste trabalho, traz evidências das irregularidades institucionais e decisões políticas, que não contemplam a todos, ou seja, não há lugar para todos no mundo globalizado.

Importa enfatizar que os jogos de substituições dos sujeitos e recursos não constituem uma representação homogênea na instituição escola, uma vez que a experiência, em determinado tempo e espaço, contribui para a subjetivação de sujeitos heterogêneos. Muitas instituições sociais, no decorrer das mudanças mundiais, seguiram os avanços tecnológicos; outras, como as escolas, não. Estas últimas foram acionadas para sanar um problema econômico do país tardiamente, portanto, ficaram à margem. Em vista disso, mesmo que a neutralidade posta pela ciência sustente e influencie seus avanços, ela nunca vai alcançar o todo, sempre vai haver os que projetam, os que constroem, os que usam, os que analisam, os que desejam.

Nesse sentido, urge chamar atenção para o regime político, econômico, institucional de produção da verdade, uma vez que o próprio S1 tem cristalizado que “[...] precisa estar preparado para integrar a tecnologia à sua prática educativa”. *Precisa*, conforme Ferreira (2000, p. 554), é: “1. Dispor ou planejar com antecedência. 2. Promover, fomentar. 3. Compôr, associando vários elementos. 4. Pôr em condições de atingir um dado objetivo. 5. Armar. 6. Vestir-se; aprontar-se”. No entanto, sabemos que poucos recursos e tempo são garantidos para que os professores se sintam engajados. Além disso, a forma verbal “precisa” vem como um imperativo, uma espécie de coerção, de disciplina, na tentativa de descarregar sobre os professores e, por conseguinte, sobre si mesmo a tarefa de se manter atualizado, discurso também oriundo dos encontros de professores sobre as exigências da instituição, que, por sua vez, também estão sujeitas a exigências de sua secretaria. Esta última também lhes impõe formas ritualizadas para separar, para se ter à vista, fácil de dominação (re) construindo uma identidade para “si” e para “o outro” em que os recursos são idolatrados.



S2

*Muito bom, um grande desafio para nós docentes que estamos aprisionados ao modelo tradicional no qual fomos formados e de certa forma "moldados". [...]. Acho de grande importância no processo ensino-aprendizagem, pois é uma ferramenta a mais para inovação das aulas de forma a despertar interesse do aluno ao aprendizado, como também incluí-lo no mundo da tecnologia, ou seja, da atualidade. (Ipsis litteris)*

Nessa sequência discursiva, S2 volta ao passado e desvela sua formação acadêmica como "*tradicional*", que conseguiu "*formar*", "*moldar*" os professores. Esse posicionamento chamou muita atenção, uma vez que, instado a falar sobre sua formação (referimo-nos aqui a outros itens que compõem a pesquisa (SOARES, 2007), não fez tal confissão.

Considerando os já-ditos sobre educação, temos na memória social desde os anos 70 uma visão clássica de educação que perpassa os dizeres e fazeres escolares e que aqui atravessa o dizer de S2. Este, numa espécie de agradecimento aos novos recursos, deixa vaziar por meio da materialidade linguística - "*um grande desafio para nós*" - o desconforto, despreparo com relação ao uso dos recursos tecnológicos e dos métodos inovadores de ensino que geram insegurança social. S2 garante que o corpo docente - "*nós*" - não temos cartas suficientes para fazer parte desse *jogo*, não temos método de ensino. Mostra-se identificado com as NTIC's - "*Muito bom*", "*de grande importância*"-, mas, ao mesmo tempo, incapacitado, sem poder para entrar nesta ordem e se sobressair.

Assim, o sujeito professor encontra-se deslocado pelo desejo de se livrar de um velho modelo educacional, do qual assume e traz junto a si a voz do grupo de professores - "*estamos aprisionados*"- ou ainda de toda a estrutura escolar, pois continua "*ao modelo educacional*" aqui evidenciado pela materialidade linguística, uma vez que a enunciação é feita a partir de formações imaginárias. A função é designar o lugar que destinador e destinatário atribuem a si mesmo e ao outro, já que aponta a imagem que faz dele e dos outros professores, quando usa o pronome pessoal "*nós*" e o verbo "*estamos*", que se encontra na 1ª pessoa do plural do presente do indicativo. Ideologicamente produzida no seio do discurso marxista, a posição de "*modelo tradicional*" com relação ao ensino obtido está incorporada de historicidade, discursos que evidenciam a posição do sujeito moderno que deseja o controle de si e sobre o outro, discursos cristalizados repetidos e reverenciados há séculos no meio social, fruto das inter-relações políticas que subjazem o discurso pedagógico.

Numa visão pós-moderna da educação, as formas verbais no participípio "*aprimados*", "*formados*" e "*moldados*" indicam ações acabadas, prontas. Não combinam com seus propósitos educacionais, uma vez que se considera a educação



como um processo. Por outro lado, essa visão traz camuflado um modelo ideal que conduz professores e alunos a um *jogo* de homogeneização. (CORACINI, 2003). Nesse sentido, o discurso que perpassa S2 revela a crença de que o ensino tradicional já não é eficaz para o mundo tecnológico atual. Mostra que toda fala é determinada de fora da vontade do sujeito e que este “é mais falado do que fala” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p.26). O sujeito constitui-se pela identidade camaleônica, uma vez que não deixa de ser “um” para ser o “outro”.

É notório que S2 constrói uma representação de professor atualizado em relação à nova proposta de ensino com a utilização do computador. Acredita, exalta “*é uma ferramenta a mais para inovação das aulas de forma a despertar interesse do aluno ao aprendizado, como também incluí-lo no mundo da tecnologia, ou seja, da atualidade*”. Este discurso já tem sido proferido pelos cursos de formação promovidos pela Secretaria de Educação aos professores das salas de tecnologias, pelos cursos on-line de que começam a participar, como o PROINFO, que foi um dos primeiros a ser oferecido nas unidades escolares, e ainda pelos meios de comunicação, como rádio e TV.

S2 fala do assunto esquecendo que fala de si, apontando traços negativos de sua experiência enquanto professor, do sistema defasado que não tem despertado nos alunos o que o “novo”, “*uma ferramenta a mais*” parece estar atingindo. Observa-se que ao enunciar “*despertar interesse do aluno ao aprendizado, como também incluí-lo no mundo da tecnologia*”, as formas verbais “*despertar*” e “*incluir*”, segundo Ferreira (2000, p.228-380), denunciam que os alunos, em contato com os novos recursos, podem respectivamente, “*acordar para a vida*” e “*se inserir...*”. Isso causa um efeito de sentido de que estavam excluídos do meio tecnológico, portanto, da atualidade, da vida.

Desse modo, o “novo” é tido como regime de verdade, de controle da educação. Leva à subjetivação dos sujeitos, influencia seus pensamentos e atitudes; flui, assim, o desejo de dominar as NTIC’s e de que o outro as domine, mas, ao mesmo tempo, o sujeito é capturado por elas. Por isso, o professor precisa estar sempre pensando nas cartas, as que o mantém e podem libertá-lo do *jogo*.

Ao abordar *a prática de sala de aula com as novas tecnologias no Ensino de Língua Inglesa*, é válido dizer que S1 e S2 silenciam-se, são interditados pela posição que ocupam aqui marcadas pelo espaço em branco, pelo não dito. Assim, constroem o “discurso da falta”, falta de preparo para lidar com o novo, uma vez que na história atual insere-se a visão mercadológica do novo. Entre várias destas visões está a das

novas tecnologias, que leva o sujeito-professor a construir um novo fazer, em que a insatisfação, a inadequação, desatualização, resistência ao passado e presente perturbam a garantia do saber, que nunca será atingível. Por outro lado, consoante Lévy (1999, p.26):

Muitas vezes, enquanto discutimos sobre os possíveis usos de uma dada tecnologia, algumas formas de usar já se impuseram. Antes de nossa conscientização, a dinâmica coletiva escavou seus atratores. Quando finalmente prestamos atenção, é demasiado tarde... Enquanto ainda questionamos, outras tecnologias emergem na fronteira nebulosa onde são inventadas as ideias, as coisas e as práticas.

Desta afirmação do autor decorre que vivemos a era da informação, da globalização. Também, conforme Hall (2006, p. 7), “[...] está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social”. Desvela-se que, sobre o professor, não repousa a imagem de detentor do saber – como por muito tempo se tem acreditado em algumas esferas sociais. – e sim o estabelecimento de uma relação com o saber/poder, uma vez que todo discurso é poder, até o silêncio carrega o seu. Isso implica um saber/poder específico: uso e conhecimentos das TIC’s. Entretanto, e antes disso, lhe decorre a aquisição do recurso, que inerentemente influencia o sujeito. Porém, como já mencionamos em outro momento na pesquisa, nem os recursos nem as formações dos professores vêm para todos no mesmo tempo e com a mesma configuração espacial, mas sob interesses econômicos que visam à inserção do país no mercado mundial.

De acordo com Coracini (2003), o apagamento das margens, das fronteiras, da anulação das diferenças em prol de uma homogeneidade, como ocorre com as TIC’s, é que são responsáveis pelas problemáticas da incompletude da ciência. É nessa teia que a heterogeneidade é confundida com a homogeneidade, deixando que esta última conserve a ilusão da unidade, da totalidade, prorrogando a completude, a felicidade e a verdade dos/nos sujeitos. Ainda sob a lente do olhar da autora (2003, p.113) em que “[...] todo discurso e todo sujeito- esconde a multiplicidade, a heterogeneidade e o caráter convencional e arbitrário que o constituem” é que podem ser deslocados os sentidos, por meio do espaço em branco na folha.

## Considerações finais

A proliferação dos meios tecnológicos desempenha duplo papel, uma vez que, ao aproximar os sujeitos, contribui para perceberem as diferenças que os constituem e as contradições sociais em que vivem. Conceção esta que altera a percepção homogênea de uma identidade social, levando o sujeito a uma complexidade identitária, feita de constantes (des) identificações que atravessam seu corpo e repercutem em suas práticas discursivas. Assim, S1 e S2 constroem o “discurso da falta”, falta de preparo para lidar com o novo, uma vez que na história atual insere-se a visão mercadológica do novo. Entre várias dessas visões está a das novas tecnologias, que leva o sujeito-professor a construir um novo fazer, em que a insatisfação, a inadequação, desatualização, perturbam a garantia do saber, o que nunca lhe será atingível.

Desvela-se que sobre o professor não repousa a imagem de detentor do saber – como por muito tempo se tem acreditado em algumas esferas sociais. – e sim o estabelecimento de uma relação com o saber/poder, uma vez que todo discurso é poder, até o silêncio carrega o seu, o qual traz consigo a resistência. Isso implica um saber/poder específico: uso e conhecimentos das NTIC's.

Ademais, as análises apontam que a identidade do sujeito-professor se constitui pela ilusão de inteireza, da busca pela completude, pelo desejo de mudança, de domínio de um saber/poder que se diz “moderno”, “solidário”, mas é excludente, uma vez que o social, o histórico e o cultural são aniquilados. Em suma, ao se enfatizar as NTIC's na prática dos sujeitos-professores em sala de aula, é possível desconstruir, pelos deslizamentos do dizer, a concepção de identidade fixa, estável e fazer aparecer em seu lugar uma identidade *fragmentada, híbrida, camaleônica, em processo*, de modo a questionar os regimes de verdade que perpassam a inserção dessa identidade na instituição (escola).

## Referências

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) Enunciativa(s). In: *CADERNOS DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS*. 19ª. ed. Tradução de Celeste M. Cruz e João Wanderley Geraldi. Campinas, IEL/Unicamp, 1990, 25-42.

BRASIL. LDB. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília: Editora do Brasil, 1996.

CORACINI, M. J. O discurso da Linguística Aplicada e a questão da identidade: entre a modernidade e a pós-modernidade. In: CORACINI, M. J & BERTOLDO, E. S. *O desejo da teoria e a contingência da prática: Discurso sobre/ na sala de aula*. Campinas: Mercado de Letras, 2003, p.97-115.

ECKERT-HOFF, B. M. *Escritura de si e identidade: o sujeito professor em formação*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008.

FERREIRA, A. B. H. *Mini Aurélio: o minidicionário da língua portuguesa. Século XXI*. Editora Nova Fronteira, 2000.

FOUCAULT, M. (1979). *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. 4ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

\_\_\_\_\_. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 19ª ed. São Paulo: Loyola, 1996.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, DP&A, 2006.

LÉVY, P. *Cibercultura*. Rio de Janeiro: Editora, 34, 1999, 264p.

MASCIA, M. A. A. *Investigações discursivas na pós-modernidade: (uma análise das relações de saber-poder do discurso político educacional da língua estrangeira)*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

MOITA LOPES, L. P. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.